



A FILOSOFIA AFRICANA UBUNTU:

relato de uma oficina

Fábio Borges-Rosario

PPGF-UFRJ

RESUMO: Neste texto relata-se a oficina oferecida no Seminário “Educação e transdisciplinaridade no pensamento decolonial” e cujo objetivo foi aproximar as pessoas participantes de um rol de filósofos africanos e afrodescendentes da atualidade que se lidos desconstrutivamente possibilitam apelar o soçobrar dos impactos do discurso racista na Educação Básica brasileira, com a perspectiva de sua superação como promessa, numa intervenção filosófica que observe o reconhecimento e igual valorização das raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas, europeias e asiáticas.

Palavras-chaves: Filosofia, África, Desconstrução, *Ubuntu*

ABSTRACT: In this article we report the workshop offered at the Seminar “Education and transdisciplinarity in decolonial thinking” and whose objective was to bring people participating in a list of African and Afro-descendant philosophers up to date who, if read deconstructively, make it possible to appeal the wreck of impacts of racist discourse in Brazilian Basic Education, with the perspective of overcoming it as a promise, in a philosophical intervention that observes the recognition and equal appreciation of the African roots of the Brazilian nation, alongside the indigenous, European and Asian.

Keywords: Philosophy, Africa, Deconstruction, *Ubuntu*.

Relato neste texto a oficina oferecida no seminário “Educação e transdisciplinaridade no pensamento decolonial” que ocorreu no campus São Gonçalo do Instituto Federal do Rio de Janeiro. Início apresentando os referenciais teóricos que fundamentaram a oficina e prosseguo apresentando os Passatempos Filosóficos – jogos formulados com estratos de textos do referencial teórico. Finalizo convidando os leitores a engajarem-se na luta antirracista.

A Oficina Filosofia Africana: Ubuntu foi oferecida em 2018 durante o 1º Seminário organizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisa Educação, Culturas e Decolonialidade. Além de apresentar o conceito de *ubuntu* como uma chave para a chegada nestas terras da filosofia africana como um horizonte de descolonização¹ e desconstrução² da Educação Básica e incentivei a resolução de um Passatempo Filosófico como tática lúdica de compreensão do referido conceito.

A oficina ocorreu na tarde do segundo dia do evento. Reuniu aproximadamente vinte pessoas. Participaram pessoas do movimento negro gonçalense, professoras da rede municipal de ensino de São Gonçalo e professoras da rede estadual de ensino. A oficina (cuja duração aproximada foi de duas horas) foi uma oportunidade de apresentar a pesquisa que desenvolvo no Grupo de Pesquisa Educação, Culturas e Decolonialidade, articulando-a com a metodologia de ensino aprendido desenvolvida durante o mestrado e apresentada como material didático denominado Passatempos Filosóficos.

Tinha como objetivo aproximar as pessoas participantes de um rol de filósofos africanos, americanos e europeus que se lidos possibilitam soçobrar³ dos impactos do discurso racista na Educação Básica brasileira, com a perspectiva de sua superação como promessa, numa intervenção filosófica que observe o reconhecimento e igual valorização das raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas, europeias e asiáticas enquanto preceito emanado das *Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana* (BRASIL, 2005), imprescindíveis para a ampliação dos direitos sociais e a cidadania dos negros brasileiros. Espero, talvez, que após a participação os destinatários que se autodenominam brancos ou amarelos tenham compreendido a ênfase que foi dada à questão do negro como metáfora para a questão do branco

¹ Na oficina lemos autores que trabalham com o conceito de descolonização. Dada a brevidade da oficina não comentei os encontros e os distanciamentos entre estes autores e os autores que tratam da decolonização.

² Lembro que a Desconstrução como proposta por Jacques Derrida não objetiva a destruição da Filosofia Europeia e sim o deslocamento dos binômios que a enclausuram, pela abertura a alteridade, pelo apelo a hospitalidade in-condicional.

³ Lembramos que dentre os sentidos de soçobrar encontram-se de “naufragar, afundar, virar de cima para baixo e subverter”, quando tomamos o verbo nestes sentidos neste texto pretendemos trazer a cena que a desconstrução do racismo não é sua destruição, a desconstrução do racismo opera o seu afundamento. E quando falamos em virar de cima para baixo estamos cientes que quando superarmos o racismo estrutural, as teorias racialistas e o racismo persistirão como espectro assombrando a democracia e exigindo dos antirracistas a constante vigilância para que não emerja.

ou do amarelo ou do judeu ou do cigano, isto é, como um comprometer-se com a hospitalidade in-condicional.

Empreguei como método, como caminho de estruturação da Oficina a divisão em três momentos. No momento inicial apresentei o referencial teórico, depois convidei as participantes a resolverem o Passatempo Filosófico, após a resolução dos jogos conversamos sobre o emprego dos jogos como caminho no ensino-aprendizagem e encerrei apresentando as expectativas que tinha com a Oficina e as considerações quase-finais.

Espero, portanto, que os descendentes de asiáticos, assim como, todos os brasileiros independente de suas ancestralidades étnicas voltem seus olhares para a filosofia budista, para a filosofia árabe e para a filosofia hebraica e judaica [Penso aqui na filosofia hebraica como a reflexão produzida pelos filósofos clássicos ainda na Palestina ou nos territórios próximos; e por filosofia judaica a reflexão produzida após a diáspora judaica no ano 70].

Assim como lembro que as encruzilhadas, rios, estradas que conduzem as florestas e reservas ameríndias ainda precisam ser percorridas – alguns passos já foram dados – por todas as pessoas brasileiras que descendem das etnias que vieram para estas terras e foram acolhidas pelas etnias primevas. Acolhimento que implicou na escravização, extermínio e segregação destes povos. Resta inconclusa a emancipação nacional enquanto alguma pessoa estiver subalternizada ou segregada dos direitos humanos.

***Ubuntu* como introdução à Filosofia Africana**

Iniciei a Oficina considerando que a legislação antirracista brasileira solicitou a pesquisa e o ensino de filosofia no país ao elencar como questão o paradigma da origem europeia da filosofia ao deputar as discentes à inclusão das filosofias africanas, asiáticas e ameríndias na educação básica e nos cursos de graduação e pós-graduação. Com vistas a arrefecer os efeitos do racismo estrutural que assombra o ensino no país e persiste em silenciar os esforços mundiais de pesquisar o desvio do eurocentrismo e buscar a descolonização do conhecimento. Apresentei as autoras que advogam, solicitam, abalam o paradigma da origem grega da filosofia, tais como Marcelo Moraes e Jacques Derrida.

Segundo Marcelo Moraes (2018), encontramos no Egito [Kemet] uma experiência de busca da sabedoria, de amor pelo saber anterior a experiência grega. Noutra via, ouvimos de Derrida que não há uma origem para a filosofia europeia, antes que sua história é um encontro de rastros, atravessada pelos gregos, judeus e árabes. E talvez, cabe perguntar: Se segundo Derrida na filosofia europeia só há rastros de outros povos porque recusar o rastro egípcio? Talvez, recusar o rastro egípcio seja o derradeiro gesto do eurocentrismo. Neste sentido compreende que estimular a pesquisa sobre a filosofia do Egito potencializa o conhecimento

sobre a origem da filosofia grega. Tal pesquisa contribui no esclarecimento das inúmeras passagens atualmente marginalizadas pelos leitores eurocentrados da filosofia da Grécia clássica, e possibilita abandonar o etnocentrismo.

Falei que soçobrar, afundar, naufragar os efeitos do racismo estrutural que assombra o ensino no país inicia com o reconhecimento do caráter eurocêntrico que persiste em validar os saberes europeus e opô-los aos saberes produzidos por etnias de outros continentes. E se desconstruir é inverter os pares binômicos estabelecidos pelo etnocentrismo, proponho com a Oficina a inversão do par ocidental–não ocidental, a rasura da fronteira que separa tais conhecimentos. A ampliação das vozes convocadas ao diálogo tem como horizonte buscar nas filosofias marginais produzidas na África, América, Ásia e Oceania pistas que permitam repensar a tradição filosófica europeia e recusar o eurocentrismo. Neste sentido diante da brevidade deste trabalho, acolhi as reflexões de pessoas africanas, americanas e europeias que buscam no conceito de *ubuntu* elementos para suas reflexões filosóficas. Lembrei que na leitura que apresentei outros conceitos – tais como *teko porã*, etc. – estão espectralmente acolhidos.

Apontei que a filosofia africana contemporânea é expressa tanto nas línguas das etnias do continente quanto escrita nas línguas dos povos europeus. Os filósofos interessam-se: pela redescoberta do pensamento clássico das etnias, pela interseção entre o pensamento clássico e o pensamento árabe, pela comunicação entre o pensamento clássico e o pensamento cristão, pela assimilação do pensamento europeu como tática de modernização das sociedades, crítica a neocolonização econômica e aproximação da ideologia marxista, pela elaboração de uma reflexão que reconheça as heranças de cada etnia e os atravessamentos e contaminações iniciadas com o contato com os pensamentos europeus e asiáticos.

Prossigui apresentando os intelectuais a serem lidos pelas pessoas que desejam investigar o conceito de *Ubuntu*. Filósofos africanos, americanos e europeus que pesquisam a filosofia africana na busca por elementos e pistas que contribuam para suas reflexões acessam principalmente as obras das pessoas africanas que trabalham em instituições universitárias no continente ou na América e Europa. Portanto, as obras investigadas estão inseridas no contexto filosófico de diálogo direto ou indireto com a crise filosófica europeia e com a recusa do eurocentrismo, com o compromisso com a descolonização da filosofia e em alguns autores com a desconstrução do pensamento.

Karin Van Marle e Drucilla Cornel (2015) relatam o projeto Ubuntu organizado pela primeira vez em 2003, e advogam que feminismo *ubuntu* fornece as respostas aos dilemas e contradições que marcam o patriarcalismo e aponta ações que possibilitem a solidariedade. Partindo do projeto Ubuntu desenvolvido na África do Sul, advogam que o conceito de *ubuntu*, isto é, o feminismo *ubuntu* fornece as respostas aos dilemas e contradições que envolvem o

feminismo eurocentrado e apontam a emergência do apelo por uma nova justiça que reconheça plenamente a humanidade de todas as singularidades humanas.

Lesley le Grange (2015) defende o *ubuntu* como categoria enriquecedora dos debates ambientais locais e mundiais, e o emprega como atravessamento conceitual no pensamento do filósofo norueguês Arne Naess e dos princípios do movimento da ecologia profunda (MEP).

Mogobe B. Ramose (1999, 2002) explicita o conceito de *ubuntu/botho*, justifica sua dimensão ética e defende que o conceito aponta para a emergência do *homo loquens*, o homem falante que cria a política, a religião e a lei. Sua leitura descreve que o *homo sapiens* aparece na África e neste inicia sua trajetória *ubuntu/botho/humana*.

Jacques Derrida (2005) fala do *ubuntu/abantu* quando analisa os Tribunais de Reconciliação e da Verdade na África do Sul, encanta-se com o seu sentido de humanidade, de coexistência, mas critica a contaminação cristã do conceito como advogada por Desmond Tutu. Talvez, o interesse do filósofo da hospitalidade in-condicional de todas as singularidades em sua *différance* deva-se a im-possibilidade de tradução deste conceito e na abertura ao horizonte de reflexão que possibilita ao se pensar um perdão, um dom, um direito, uma justiça *ubuntu*.

Ao advogar a africanidade de Derrida, além de ouvir o próprio, aproximo-me de Fernando de Sá Moreira (2017) e Paulin Houtondji (2008) quando defendem que a filosofia africana é a reflexão feita por pessoas nascidas no continente africano, ressaltam ainda que o adjetivo nesta perspectiva independe do conteúdo do pensamento produzido ou do tempo em que viveu a pessoa filósofa em questão, já que o termo África é moderno e assim como o também moderno termo Europa é amplamente aplicado às pessoas que nasceram neste continente mesmo antes do aparecimento das noções modernas de europeu e ocidental, o vocábulo africano é também aplicado pelos referidos autores para todas as pessoas que nasceram em África.

Janheinz Jahn (1970), filósofo alemão, apresenta brevemente como as categorias *ntu*, *mntu*, *bantu* e *ubuntu* contribuem para o entendimento das culturas negras na África e na denominada Diáspora Negra. Sua exposição, entretanto, parte das etnias bantu de Ruanda. Assim como atravessa a fronteira nacional ruandesa acolhendo escritores nigerianos, europeus, etc. Tal escolha reflete as escolhas do pensador alemão ao ultrapassar a própria fronteira nacional e pesquisar além das culturas africanas também pesquisou as culturas árabe e italiana.

Renato Nogueira (2012), filósofo brasileiro, busca na ética bantu das etnias da África do Sul uma rota pluriversal que possibilite soçobrar a perspectiva universalista da filosofia eurocentrada. Convida escritores sul-africanos, estadunidenses, franceses, alemães ao polidiálogo que pretende estabelecer na busca por uma educação antirracista.

Nesta direção, Renato Nogueira e Marcos Barreto (2018) convidam *teko porãs*, guaranis e outras etnias que habitam o território brasileiro para um polidiálogo sobre a infância, neste os

conceitos bantu das etnias sul-africanas e as noções *teko porãs* confluem em formulações para novas relações éticas. Este diálogo entre o pensamento *bantu* e *teko porã* é um convite à articulação entre os negros brasileiros e as etnias indígenas para a descolonização da nação e o reconhecimento que ambos os povos em inúmeros momentos da história nacional se articularam na luta contra a escravização.

Henrique Cunha Júnior (2010), filósofo brasileiro, visita a educação *bantu*, explicita quais categorias atravessam a proposta de ensino nestas sociedades com o intuito de criticar o caráter racista e etnocêntrico da educação brasileira. Entende que as noções *ntu*, *mntu*, *bantu* e *ubuntu* enriquecem o debate educacional brasileiro na direção do soçobrar dos efeitos da educação eurocentrada.

Alexandre do Nascimento (2014), filósofo brasileiro, diferencia-se dos demais ao articular a noção de *ubuntu* com a noção de democracia e com a questão educacional. Entende que o apelo ético elencado pelo conceito se articulado com autores como Paulo Freire fomenta um debate sobre uma educação coletiva para a emancipação e a liberdade.

Wanderson Flor do Nascimento (2016) discorre sobre as implicações para o ensino na educação básica da aprovação da legislação que promete e compromete os estabelecimentos de ensino com a filosofia africana e elenca a partir da noção de travessia o contato, o conhecimento, de modo que a tessitura dos saberes filosóficos ocidentais, indígenas, africanos e orientais opera uma interlocução ubuntizada.

Luiz Dantas (2015) ao verificar a implementação da legislação que determina o ensino de filosofia africana na rede estadual de ensino médio paranaense, constata a dificuldade de sua implementação e enuncia o emprego do conceito de *ubuntu* como um dos caminhos possíveis para a efetivação da promessa e do compromisso com a justiça performatizados pela lei.

Marcelo Moraes (2017, 2017b, 2018) busca no conceito de *ubuntu* os elementos para pensar a descolonização e desconstrução do pensamento iniciada por Jacques Derrida na *Gramatologia* e apresentada como estratégia de desconstrução da justiça e como anúncio da chegada da democracia por-vir. Desconstruir a justiça como pensada pelos filósofos clássicos e modernos europeus é possível se a atravessarmos pelo quase-conceito de democracia por-vir. Este remete para pensar que a justiça e a democracia são uma promessa, apontam para um futuro que nunca será presente, mas que chega ao presente – acontece.

A escuta de Jacques Derrida, nos diz, das denúncias que fez abre caminhos para a acolhida pelo pensamento de éticas e epistemologias que foram marginalizadas ou esquecidas pela historiografia e pela filosofia ocidental. Acolher o subalterno, o marginalizado é reconhecê-lo como o outro, um construtor de outras epistemologias e éticas, inscritas em outras formas de escritura. Portanto, a acolhida da alteridade não se condiciona pela interpretação europeia

clássica ou moderna, isto é, pelo etnocentrismo, mas é a construção de possibilidades de abertura radical e in-condicional à alteridade.

O rompimento do predomínio do homem branco, racional, heterossexual e europeu – chamado por Derrida de mitologia branca – chega como a abertura às produções culturais, científicas e éticas dos não europeus, da mulher, do negro, do ameríndio, do homossexual, etc. E nesta via aberta por Jacques Derrida é que segue Marcelo Moraes mudando de lugar, de *topos*, de perspectiva num gesto que desconstrói a história da humanidade e da filosofia. Os atravessamentos propostos fincam raízes nos territórios onde a filosofia promoveu o epistemicídio e o racismo epistemológico.

Marcelo Moraes desvia da filosofia eurocentrada quando elabora novas perguntas e ao colocar estes novos lugares como ponto de partida de sua leitura, apresenta um deslocamento topológico que possibilita uma geopolítica da descolonização. O deslocamento topológico operado anuncia a descolonização e desconstrução do pensamento. Gesto que busca enraizar-se nos solos onde habita a alteridade, onde se reconhecer como negro, como descendente de africano, como descendente de ameríndio a fim de conhecer, pensar e repensar a partir do outrem.

Afirma, Marcelo Moraes, que para desconstruir é necessário reconhecer a mitologia branca enquanto hegemonia e paradigma que só se consolidou e colonizou o pensamento via violência colonial e econômica promovida contra a América e a África. Assim, desvela que a filosofia e a universidade – enquanto principal local de exercício e prática filosófica – atuam como locais privilegiados de legitimação do discurso eurocêntrico. Compreende que ouvir Derrida anunciar a desconstrução do pensamento e Fanon a descolonização do pensamento é entender que a filosofia criou um sistema fechado a tudo que chegava de fora, que vinha das margens da Europa e que desconstruir e descolonizar o pensamento não são destruir com uma única martelada a estrutura eurocêntrica. Pois, o edifício metafísico e os recursos bélicos europeus são as armas empregadas na neutralização e colonização daqueles que são considerados uma ameaça ao Ocidente e por implicação promovem e reforçam o racismo na luta europeia anti-africana, anti-indígena, anti-negra, etc. Se a violência bélica, filosófica, sexual, narcótica, assim como, a escravização e o extermínio foram empregados para rebaixar o não europeu e apagar os resquícios da singularidade dos povos não-europeus, somente fora da Europa é que se encontrarão os quase-conceitos com a força para deslocar, inverter, desconstruir, descolonizar o conceito de humanidade. E nesta direção é que compreende na noção de *ubuntu* a força para anunciar que a humanidade de cada pessoa chega quando se reconhece a humanidade do outrem.

Passatempos filosóficos

Encetei, na Oficina com Passatempos Filosóficos, um exercício de desconstrução do pesquisador e do professor e do estudante ao rasurar a fronteira que [pressupõe-se] distingue o formulador do formador e do formando, ao assumir que a desconstrução é o im-possível que chega apelando à hospitalidade in-condicional de todas e todos na sua *différance*.

Alertei que onde há seres vivos só há rastro e *différance*, confesso que o desconhecimento do rastro emigratório do homo sapiens pelo planeta levou as etnias a pautarem os traços pigmentares e fisionômicos, étnicos, culturais, religiosos, etc., como estigmas da diferença, como motivadores da segregação, ou como barreiras a serem superadas no horizonte da convivência pacífica entre todas as singularidades que pertenceram, pertencem ou pertencerão a *Ubuntu* humana. *Ubuntu* é um termo pluri-étnico, empregado pelas etnias Ndebele (África do Sul, Zimbabwe, Botswana), Swati (Suazilândia e África do Sul), Xhosa (África do Sul, Zimbabwe, Lesoto) e Zulu (África do Sul, Lesoto, Suazilândia, Zimbabwe, Moçambique) e encontram-se sinônimos nas etnias Sesotho (Lesoto), vutu (Ruanda e Burundi), tsonga (África do Sul e Moçambique) e swahili (Quênia, Tanzânia, Uganda, República Democrática do Congo, Ilhas Comores).

Disse que as singularidades humanas registram e narram suas histórias, lendas, filosofias, etc., seu percurso planetário e sua busca pelo fim das hostilidades e pela construção da hospitalidade pela voz ou pela escrita. Os arquivos variam, empregam-se pedras, papiros, papel ou a memória, uns são mais permanentes que outros e, em todos os casos, obtêm-se a preservação dos acontecimentos e feitos humanos.

Lembrei que algumas singularidades humanas ainda devotam apreço pela descrição da origem da espécie, mas que se por economia, ainda empregamos o termo origem, a leitura apresentada na oficina, entende a origem como um ponto de partida da leitura, pois quando olhamos para o ponto de partida vemos disseminação, encontros, travessias, contato entre as etnias, eventos hostis e acontecimentos hospitaleiros.

Nesta direção, na rota de confissão dos crimes cometidos contra a humanidade nos eventos hostis e na perseguição por acontecimentos hospitaleiros, tomo a voz e a escrita das filósofas e filósofos que atravessaram as margens do pensamento europeu e buscaram noutras margens pistas para a descolonização e desconstrução do pensamento.

Defendi o atravessar as margens como gesto de desconstrução do pensamento filosófico europeu amplamente conhecido e estabelecido no país não significa o abandono do legado europeu e sim um apelo a ir além deste. Convite ao mesmo tempo interessado e desinteressado a se conhecer outros legados, somando-os ao conhecido.

Os jogos

Conclamei, logo, as pessoas presentes a experimentarem a resolução e elaboração dos jogos que cito abaixo. Quiçá, tenham se divertido.

Jogo: Caça-filósofo

13	1	18	3	5	12	15

13	15	18	1	5	19

Dica de resposta: Substitua os números pelas respectivas letras do alfabeto.

Jogo: Caça-filósofo

18	5	14	1	20	15

14	15	7	21	5	18	1

Dica de resposta: Substitua os números pelas respectivas letras do alfabeto.

Jogo: Caça-filósofo

23	1	14	4	5	18	19	15	14

6	12	15	18

Dica de resposta: Substitua os números pelas respectivas letras do alfabeto.

Jogo: Caça-filósofo

4	18	21	3	9	12	12	1		3	15	18	14	5	12	12

Dica de resposta: Substitua os números pelas respectivas letras do alfabeto.

Jogo: Caça-filósofo

10	1	3	17	21	5	19		4	5	18	18	9	4	1

Dica de resposta: Substitua os números pelas respectivas letras do alfabeto.

BORGES-ROSARIO, Fábio
A filosofia africana ubuntu: relato de uma oficina

Jogo: Caça-filósofo

13	15	7	15	2	5	18	1	13	15	19	5

Dica de resposta: Substitua os números pelas respectivas letras do alfabeto.

Jogo: Caça-terminos

Eles apontam que ubuntu significa que nossa mais profunda obrigação moral é nos tornarmos mais completamente humanos e para realizar isso, é necessário entrar mais profundamente em comunidade com os outros. Uma pessoa não pode, portanto, se tornar mais plenamente humana ou reconhecer seu verdadeiro eu explorando, enganando ou atuando de maneira injusta para com os outros.

Lesley le Grange

E	I	M	M	E	M	O	H	A	B	U	N	T	U	P	H
O	B	R	I	G	A	S	A	O	O	R	T	U	O	S	U
E	Z	C	O	M	U	N	I	T	A	R	I	O	G	O	M
E	O	A	S	T	M	O	B	Z	X	Q	W	F	M	R	A
L	D	E	N	P	O	R	T	A	N	T	O	H	U	T	N
G	W	U	Z	X	O	B	R	I	G	A	Ç	A	O	U	O
N	B	C	O	M	U	N	I	D	A	D	E	U	S	O	S
U	P	E	S	S	O	A	S	D	A	O	S	S	E	P	A
H	U	M	A	N	A	A	I	N	J	O	T	N	U	B	U
E	N	G	A	N	A	N	D	U	O	A	T	U	A	N	D
O	B	R	I	G	A	D	O	Z	E	A	M	N	E	I	R

Dicas de resolução: Procure os termos sublinhados.

Jogo Caça-Termos

Ubuntu, palavra existente nos idiomas sul africanos zulu e xhosa que significa “humanidade para todos”, é a denominação de uma espécie de “Filosofia do nós”, de uma ética coletiva cujo sentido é a conexão de pessoas com a vida, a natureza, o divino e as outras pessoas em formas comunitárias. A preocupação com o outro, a solidariedade, a partilha e a vida em comunidade são princípios fundamentais da ética ubuntu.

Alexandre do Nascimento

E	Q	M	W	S	O	L	I	D	A	R	I	E	D	A	I
Z	T	V	I	V	E	N	T	E	P	A	R	T	I	D	R
E	T	I	O	A	T	R	A	A	S	D	E	N	I	O	E
U	O	S	C	D	M	I	B	Z	A	Ç	O	O	F	T	A
S	D	A	S	I	O	R	M	E	A	S	M	C	I	O	H
X	O	N	I	V	I	D	N	R	L	A	E	C	T	I	L
V	I	V	O	D	E	U	S	U	S	R	A	T	L	Ç	I
S	O	L	I	D	A	R	R	T	F	E	L	Z	C	O	T
F	I	L	O	S	O	F	I	A	D	O	N	O	S	A	R
E	T	I	C	O	Q	U	V	N	D	I	V	I	N	D	A
V	S	O	L	I	D	A	R	I	E	D	A	D	E	E	P

Dicas de resolução: Procure os termos sublinhados.

Jogo: Caça-termo

Ubuntu não é uma palavra mágica que surge para resolver os conflitos e “salvar” as pessoas diante de disputas políticas. *Ubuntu* não é uma lei universal que está viva em todo o continente africano. A palavra *ubuntu* não existe em todas as centenas de línguas africanas faladas nos 54 países africanos; ela está presente em quatro idiomas: Ndebele, Swati, Xhosa e Zulu.

Renato Nogueira

R	E	Z	O	L	V	E	R	O	N	A	C	I	R	F	A
A	A	F	R	I	K	A	N	D	E	R	E	U	S	O	U
M	D	B	E	L	E	S	S	A	C	I	T	I	L	O	P
S	U	A	T	B	S	W	A	T	O	N	A	A	F	R	I
R	E	S	O	L	V	E	R	P	O	L	I	T	I	C	O
X	O	S	A	S	E	N	D	B	E	L	E	Z	I	L	U
Q	W	E	R	T	U	I	I	O	P	A	S	D	F	G	H
J	K	L	Ç	Z	T	X	V	B	N	M	K	L	U	A	B
U	N	I	V	A	E	R	S	A	L	S	U	R	L	G	E
P	A	R	W	A	O	S	C	O	N	F	L	I	U	T	O
S	E	S	S	A	L	V	A	R	O	C	O	N	Z	T	I

Dicas de resolução: Procure os termos sublinhados.

Entendo os Passatempos Filosóficos⁴ como um método, como um caminho, como uma tática de ensino-aprendizagem que apresenta ludicamente conceitos rigorosamente desenvolvidos pelos filósofos cujas obras foram apresentadas aos participantes antes que resolvessem os jogos. Talvez, algumas das pessoas que resolveram os jogos propostos, estivessem desinteressadas pela mensagem e a

⁴ Proponho a leitura do Apêndice A – Material didático da dissertação de mestrado que apresentei ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Ensino: ROSARIO, Fabio Borges do. A desconstrução do ensino de filosofia e a legislação antirracista. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Filosofia e Ensino, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca - CEFET/RJ. Orientadora: Talita de Oliveira, Dra. Disponível em: http://dippg.cefet-rj.br/ppfen/attachments/article/81/24_F%C3%A1bio%20Borges%20do%20Rosario.pdf Acesso em 18/03/2021.

considerassem como traço [ou seria rastro??], como diferente [ou seria *différance*??] e quiçá persistam em falar da diferença [mas como falar da diferença senão para hostilizar?]. Outras notaram que a *différance* é lida, vista, mas nunca pronunciada, e, como um espectro, evoca a hostilidade e a hospitalidade, e as insere no in-decidível. E se o in-decidível, ao invés, de paralisá-las, for compreendido como a possibilidade da chegada do acontecimento, como o im-possível que chega como a construção da possibilidade de acolher o outro na sua *différance*, como a im-possível possibilidade de reconhecer igualmente as heranças das etnias americanas, africanas, asiáticas, oceânicas e europeias na nação brasileira.

O que esperar?

Após a resolução dos Passatempos Filosóficos pelas pessoas participantes⁵, prossegui afirmando que contra-assino, com a Oficina, as leituras que propõem *ubuntu* como a raiz ou origem da filosofia africana e as que rejeitam o acolhimento deste conceito pelas pessoas não africanas ou não descendentes de africanas. O desvio um reconhecimento que sempre houve pessoas brancas que deslocaram a Europa em seus pensamentos e compreenderam as civilizações europeias como herdeiras das civilizações africanas. Entendo como afirmado acima que o termo *ubuntu* é empregado apenas por quatro das inúmeras etnias que habitam o continente africano, contudo que a ideia que expressa, o apelo que evoca pode contribuir para a reflexão de todas as etnias que habitam a África ou qualquer outro continente. E por entender que a legislação antirracista aponta a pluriversalidade e por entender o conceito de *ubuntu* como um caminho para o abandono da universalidade como proposta pelos europeus e aceno na rota de um horizonte pluriversal de desconstrução e descolonização da filosofia.

Noto que o horizonte pluriversal é identificado nas obras que buscam no *ubuntu* um solo onde edificar a descolonização e a desconstrução do pensamento. Pois, nas obras que reivindicam o *ubuntu* como o centro da filosofia africana, isto é, nas filosofias afrocêntricas das quais este trabalho é herdeiro, a afrocentricidade é uma tática de deslocamento do lugar da Europa no pensamento moderno, é uma inversão dos pares binômios: europeu *versus* não europeu, civilizado *versus* incivilizado, etc. Tal tática

⁵ A brevidade da oficina não permitiu que as participantes fizessem um relato de como receberam, acolheram a proposta. Tal análise enriqueceria este relato e apontaria ao proponente se suas expectativas foram alcançadas.

objetivava valorizar a África como o continente de aparecimento da espécie humana, as civilizações africanas antigas como ancestrais das civilizações do Oriente próximo e da Europa, etc. Não podemos esquecer que as obras africanistas ressaltam o papel de conscientização das pessoas pretas em África e na diáspora e seu compromisso com a pluralidade étnica, a recusa a qualquer tentativa de estabelecer um paradigma universalista fundado na África e a responsabilidade dos africanos e dos seus descendentes na diáspora com a libertação de todas as pessoas humanas como condição para a autonomia de todos os povos.

Afirmo que entendo a pluriversalidade aqui como o anúncio do igual reconhecimento de todas as contribuições singulares e coletivas produzidas pela espécie humana. Reconheci que a humanidade de cada singularidade ocorre, chega, acontece quando cada pessoa interage, se relaciona, acolhe as outras singularidades na sua *différance*, isto é, contamina-se. Noto a pluriversalidade com *ubuntu*, no sentido colaborativo da existência humana. Aponto que o existir das singularidades só é possível na comunidade e o das comunidades na colaboração com outras comunidades. Nesta direção as comunidades, assim como as singularidades não se realizam sem serem justas umas com as outras, sem abandonarem qualquer prática de exploração, engano ou injustiça.

Entendo a partir da escuta de Marcelo Moraes (2017, 2017b, 2018) que o conceito *Ubuntu*, talvez, por economia possa plurear nossa busca por uma via jurídica-política-ética que aponte um horizonte de sobramento dos efeitos do racismo, do logocentrismo em nosso país. Acolher sua reflexão sobre o lugar do conceito de *ubuntu* na filosofia africana apresenta-se como uma das rotas possíveis para a descolonização e desconstrução do pensamento e no apelo por uma nova mundialização.

Assimilar o pensamento europeu como tática de modernização das sociedades africanas significa importar as crises e violências que o eurocentrismo gera na Europa e em todos os territórios para onde é exportado. Ainda que empregue novas roupagens ou figurinos, a globalização tal como pensada pela Europa é uma nova tática de exploração e subalternização das demais etnias, isto é, a globalização é uma neocolonização. Romper com a colonização ou com a neocolonização ocorre quando se apelam novas relações internacionais sem colônias e sem metrópoles, quando se abre a democracia por-vir.

Discorri que *Ubuntu* apela pela pesquisa do pensamento clássico das etnias que habitam o continente africano. Aponta um olhar tanto para Kemet [Egito] quanto para Núbia, Império do Sudão, Império de Kerma, Reino de Punt, Reino de Axum, Império Songhai, Reino Mali, cidades-estados dos Yorubás, Reino do Congo, Reino do Benin, etc., para encontrar em seus provérbios, seus mitos, suas filosofias caminhos para a descolonização e desconstrução dos modernos Estados-nação, neocolonizados pelo etnocentrismo de líderes cujo pensamento colonizado não lhes permitiu compreenderem que a África possui uma história e um papel de impulsionadora das civilizações humanas que apareceram noutras terras a partir da diáspora que a espécie empreendeu há milhares de anos.

Continuei enunciando que na história moderna do continente, quando aconteceu a interseção entre o pensamento clássico e o pensamento árabe após as invasões árabes, é importante notar tanto as resistências políticas empreendidas pelas etnias do continente quanto que nas etnias que foram ou belicamente ou culturalmente islamizadas não ocorreu um processo de assimilação cultural desafricanizante, antes houve negociações, ressignificações, etc., entre os valores civilizatórios das etnias do continente e os valores islâmicos. De maneira que podemos encontrar rastros de uma interpretação africana do Islã. Nesta rota, invocar esta herança poderá ser um caminho para evitar a tentativa de neocolonização islâmica em curso que supostamente em nome de uma leitura literal do cânone islâmico promove violência e extermínio no continente.

Reconheci a importância das tentativas que estabelecem a comunicação entre o pensamento clássico africano e o pensamento cristão, mas assinalo que a reconciliação entre os povos colonizados pelos cristãos europeus e as etnias que lutam contra a neocolonização será possível se houver por parte dos cristãos a recusa da violência neocolonial empreendida pela Europa. Assim como as tentativas de empreendimentos missionários cristãos que solidificados numa suposta leitura literal do cânone cristão ocidental e por desconhecerem a história das Igrejas Coptas do Egito e da Etiópia demonizam a história do continente e neste gesto executam um epistemicídio no continente. As nações africanas, talvez, encontrem possíveis rotas se atravessarem os conceitos cristãos de justiça, perdão, etc., com a noção de coexistência, com a ideia de *ubuntu*.

Sublinhei a importância do pensamento marxista na formulação da crítica a colonização e na luta pela emancipação dos povos africanos, e não silêncio a

perspectiva eurocêntrica dos formuladores marxistas durante o século XIX. Ainda, não se pode esquecer que a apropriação irrefletida destes valores levou para o continente em seu bojo as crises que assolavam o continente europeu naquele tempo, tal postura, eclipsou caminhos próprios para a construção da solidariedade no continente. Quiçá, atualmente, a crítica a neocolonização econômica que se aproxima da ideologia marxista para alcançar a emancipação de todas as pessoas em África independente da origem étnica ou pigmentar passe pela ubuntização do marxismo.

Finalizei enunciando que entendo que investigar e pensar juntos com as filólogas e filósofos – que em África ou fora dela, oriundos de países africanos ou que lá aportam – que elaboram e refletem reconhecendo as heranças das etnias africanas e os atravessamentos e contaminações iniciadas com o contato com os pensamentos europeus e asiáticos, talvez, aponte um caminho para se pensar o Brasil. País herdeiro das etnias ameríndias, atravessado pelas contribuições das etnias vindas da África, Ásia e Europa, e, que ainda não confessou os traumas que envolvem a chegada de cada uma dessas etnias, as violências e epistemicídios promovidos na promoção da unidade linguística e silenciamento dos idiomas não europeus, assim como a profissão e compromisso com um horizonte de reconhecimento e valorização das contribuições de cada etnia envolvida na construção deste Estado-nação.

Considerações quase-finais

Quando ouço e convido as pessoas para o diálogo, espero apontar que o acontecimento da pluriversalidade já chegou, e que este chegante solicita a pesquisa e o ensino da filosofia no país. Abalo deputado pela legislação antirracista que exige um novo marco jurídico-político-ético no ensino superior e na educação básica.

A escuta das sul-africanas: Karin Van Marle, do Lesley le Grange, do Mogobe B. Ramose, do [africano desenraizado] franco-argelino: Jacques Derrida, do alemão: Janheinz Jahn, atende a solicitação de valorizar as raízes africanas ao lado das europeias e atentar-se para leituras que rasuram a fronteira entre filosofia europeia e filosofia africana. Assim como a audição dos brasileiros: Marcelo Moraes, Renato Noguera, Marcos Barreto, Henrique Cunha Júnior, Alexandre do Nascimento e da estadunidense: Drucila Cornell remete para pessoas que convocam a travessia entre a filosofia africana e a europeia como rota para desconstruir e descolonizar a filosofia na América.

Ubuntu como quase-conceito abala a compreensão do Direito, da Política, da Ética, da Estética e da Justiça e orienta para a hospitalidade in-condicional de todas as pessoas. Estremece a Epistemologia, a Teoria do Conhecimento, a Psicologia da Educação, a Sociologia da Educação, o Currículo ao orientar para um aprender a aprender, para um ensinar a aprender e para um fazer com o outro e para a exigência que ambos aprendam juntos. E, deputa uma nova Ontologia que tenha como horizonte que uma pessoa é pessoa através de outras pessoas.

Referências bibliográficas

- BRASIL. *Diretrizes curriculares nacionais para educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana*. Brasília: SECAD, 2005.
- CORNELL, Drucilla et MARLE, Karin Van. Ubuntu feminism: Tentative reflections. In: *Verbum et Ecclesia*. V 36, n 2, 2015.
- CUNHA JÚNIOR, Henrique. Ntu. In: *Revista Espaço Acadêmico*. Nº 108, maio de 2010.
- DANTAS, Luís Thiago Freire. *Descolonização curricular: a filosofia africana no ensino médio*. São Paulo: Perse, 2015.
- DERRIDA, Jacques. O perdão, a verdade, a reconciliação: qual gênero? In: NASCIMENTO, Evandro (Org.). *Jacques Derrida: pensar a desconstrução*. São Paulo: Estação Liberdade, p. 45-92, 2005.
- FLOR do NASCIMENTO, Wanderson. Aproximações brasileiras às filosofias africanas: caminhos desde uma ontologia *ubuntu*. In: *Prometeus*. Ano 9, n 21, edição especial, dezembro, 2016.
- GRANGE, Lesley Le. Uuntu/Botho as Ecophilosophy and Ecosophy. In: *Journal of Human Ecology*. 49 (3), p. 301-318, 2015.
- HOUNTONDJI, Paulin J. Conhecimento de África, conhecimentos africanos: duas perspectivas sobre os estudos africanos. *Revista crítica de Ciências Sociais*. 80, março, p. 149-160, 2008.
- JAHN, Janheiz. *Muntu: las cultura de la negritud*. Tradução de Daniel Romero. Madrid: Eddciones Guadarrama, 1970.

BORGES-ROSARIO, Fábio
A filosofia africana ubuntu: relato de uma oficina

MORAES, Marcelo José Derzi. Desobediência epistemológica: *Ubuntu e Teko porã*: outros possíveis a partir da desconstrução: In: CORREA, Adriano [et al.] *Filosofia francesa contemporânea*. São Paulo: Anpof, p. 70-81, 2017.

_____. Desconstruindo o epistemicídio a partir de Jacques Derrida. *Análogos*. Rio de Janeiro, edição especial, p. 16-26, 2017b.

_____. *Democracias espectrais*: uma abordagem a partir de Jacques Derrida. Tese (Doutorado em Filosofia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

MOREIRA, Fernando de Sá. Expectativas e esperanças a respeito da filosofia africana. In: *Ensaaios filosóficos*. Volume XI, julho, p. 92-108, 2017.

NASCIMENTO, Alexandre do. Ubuntu como fundamento. In: *UJIMA – Revista de Estudos culturais e afrobrasileiros*. Nº XX, Ano XX, 2014.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). *Afrocentricidade*: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.

NOGUERA, Renato. Ubuntu como modo de existir: elementos gerais para uma ética afroperspectivista. In: *Revista da ABPN*. V. 3, nº 6, novembro de 2011 – fevereiro de 2012.

NOGUERA, R.; BARRETO, M. Infância, *ubuntu* e *teko porã*: elementos gerais para educação e ética afroperspectivistas. In: *Childhood & philosophy*. Rio de Janeiro, v 14, n 31, set-dez, p. 625-644, 2018.

RAMOSE, Mogobe B. *African Philosophy through Ubuntu*. Harare: Mond Books, 1999.

_____. The ethics of ubuntu. In: *The African Philosophy Reader*. New York: Routledge, 2002.